



Transforma-se o amador na coisa amada ou Jorge Amado em cordel
He who loves changes himself into the thing he loves – or Jorge Amado in chap
books

Maria Aparecida Ribeiro¹

Resumo: Jorge Amado, que tanto utilizou o cordel em suas obras, acabou tendo alguns de seus romances adaptados pelos cordelistas. Além disso, o próprio escritor, como mostra esse artigo, que identifica os perfis que lhe imprimem os trovadores, foi incorporado à temática de muitos folhetos, como um nome que merece citação ou como objeto de homenagem, embora nem toda a produção existente seja pautada pela boa qualidade.

Palavras-chave: Jorge Amado; Cordel

Abstract: After having so often resorted to the “cordel” (chap-book) technique in his works, Jorge Amado has had some of his own novels adapted by “cordelists” (chapbook writers). Furthermore, as this article will show, though not all the existing production of popular broadside singers may be considered of a good quality, some of their imprints can be identified in the profile of this writer, whose name has therefore been incorporated in the chap-book thematics as deserving to be quoted or honored.

Keywords: Jorge Amado; Cordel

1. Posse e entrega

Se *Teresa Batista Cansada de Guerra* é, como diz Jorge Amado, literatura de cordel, e nela utiliza as alternativas de título características do folheto, além das xilogravuras que lhe costumam ilustrar as capas, não é apenas neste romance, que o escritor recorre a esse tipo de produção popular (cf. CURRAN, 1981). Assim termina *Jubiabá* (1953), onde Baldo, o protagonista, desde criança sonhou ter um ABC, o que acaba por concretizar-se, com seu retrato como lutador de box na capa, embora o folheto se tenha originado pelo fato de ele se haver tornado um outro tipo de lutador — o das lutas sociais², o que o faz um herói épico, digno de versos: “Este é o ABC de Antônio Balduíno / Negro valente e brigão / Desordeiro sem pureza / Mas bom

¹ Diretora do Instituto de Estudos Brasileiros na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

² Veja-se que a última parte do romance, exatamente a que trata da luta, intitula-se “ABC de Antônio Balduíno”, embora este se venha desenvolvendo desde o início da obra.

de coração. / Conquistador da natureza / Furtou mulata bonita / Brigou com muito patrão. // Morreu de morte matada / Mas ferido à traição” (AMADO, 1966, p. 331). O movimento de uma tipografia, com a impressão de cordéis e a frequência de poetas populares, é descrito em *Tenda dos Milagres*, onde, afinal, ela assume um importante papel, ao tornar-se o “centro vital de toda aquela parte da cidade [Salvador]” (Amado, 1969, p. 116).

A respeito de Castro Alves comentou “como escritor uma coisa me liga poderosamente a ele: tenho sempre encarado a vida de frente e, como ele, escrevo para o povo e em função do povo” (AMADO, 2010, p. 15); e escreveu-lhe um ABC em prosa, em 1941.

No entanto, a relação de Jorge Amado com o cordel não ficou por aí. Sua popularidade e o fato de ser um escritor nordestino, mais próximo portanto do universo da produção maciça dos folhetos, fizeram que seu nome fosse neles uma referência frequente, que muitos lhe fossem inteiramente dedicados, que alguns tratassem de romances de sua autoria.

Na impossibilidade de abordar todo esse universo no espaço de um artigo, serão focalizadas apenas as menções feitas em alguns folhetos e analisados quinze dos cordeis inteiramente consagrados ao escritor, entre os existentes no acervo de Maria Aparecida Ribeiro, no de Maria Alice Amorim, no de Raymond Cantel (Universidade de Poitiers) na Casa de Jorge Amado³ e na internet.

2. Aqui e ali, Amado!

Rodolfo Coelho Cavalcante, alagoano de nascimento, mas que adotou a Bahia e foi adotado por ela, cita Jorge Amado entre os grandes nomes ali nascidos, em *Bahia na Voz do Trovador* (CAVALCANTE, s.d., p. 6). Em *Macumba da Bahia*, identifica o romancista como um dos historiadores do candomblé, ao lado de Edson Carneiro, Artur Ramos, Zora Seljan, e chama-o como testemunha das relações que ele próprio faz entre candomblé e religião (CAVALCANTE, 1976, p. 7 e 8). Ainda no seu cordel *A Vida de Castro Alves*,

³ Ficam aqui os agradecimentos à Maria Alice Amorim, à Paola da Cunha (Univ. Poitiers) e à Casa Jorge de Amado, pela gentileza do envio daqueles textos que falavam.

Rodolfo tem ocasião de citar Amado, informando que um dos livros que tomou por base para escrever o seu folheto foi *O ABC de Castro Alves*, do criador de Gabriela.

Outro baiano, agora de nascimento, Hildemar de Araújo Costa, por duas vezes, refere o romancista de *Dona Flor*: nas septilhas de *A Bahia a Rodolfo Coelho Cavalcante*, e nas de *Bahia de Todos os Santos*. Nas primeiras, a propósito dos planos que Rodolfo leva avante, diz terem o “sabor do martelo agalopado / fazendo vibrar o povo / com seu verso apressado”. E acrescenta, como rima e solução: “E numa bela porfia / entra também a Bahia / o berço de Jorge Amado” (COSTA, 1980, p. 7). Nas segundas, lembrando os baianos ilustres, coloca o escritor entre os vultos do presente e utiliza a mesma expressão, mas caracteriza o autor de *Cacau*, como “um escritor sem rival / ainda não superado” (COSTA, s.d., p. 2).

Nas sextilhas de *Um Cearense na Bahia* (1984, p. 7) Abraão Batista, nascido em Juazeiro do Norte, cita o escritor baiano entre as atrações que um cearense deseja ver na Bahia. Já Raimundo Santa Helena, que se diz “paraibense” de cabeça, mas de corpo nascido no Ceará, no cordel *Lima Barreto*, (1981, p. 4), ao falar, nas décimas de um martelo agalopado, da morte do ator Rafael de Carvalho quando filmava *Rosa Baiana*, refere Jorge Amado “temperando Gabriela para o banquete do amor”, quando elenca a produção dos escritores da Bahia, mas também aludindo ao fato de o ator haver interpretado o Coronel Coriolano, na novela global homônima do romance da “cravo e canela”.

3. ABCs, outros louvores e alguma sucata

3.1. Em 1979, Rodolfo Coelho Cavalcante publica um *ABC de Jorge Amado*, com capa a bico de pena, retratando o escritor, segurando um maço de papéis e tendo ao fundo a paisagem de Salvador. Logo na letra **A**, a afirmação de que Jorge, pelas suas afinidades com a chamada poesia popular, deve ter gostado de ler: “nele é retratado / o vulto de um escritor / que também é trovador / romancista JORGE AMADO” (CAVALCANTE, 1979, p. 1). Esse lado criador, mas também lírico, vem reforçado pelo “coração de poeta”

registrado na letra **D**, onde, apontando o caráter realista da obra amadiana, é lembrado o fato de ser esta um retrato da “vida do povo”, o que se completa nas letras **E** e **F**, quando são enumeradas as personagens que povoam a obra amadiana — “pivetes, homens do cais / boêmios [...] / pobres mulheres perdidas” — e o tempo que ela focaliza: a “nossa atualidade”, da qual é o “cronista maravilhoso”⁴ (CAVALCANTE, 1979, p. 2). A letra **J** acrescenta um outro dado desse realismo, o da língua literária utilizada: “o seu popular vernáculo / se tornou o sustentáculo / contra o vil puritanismo” (CAVALCANTE, 1979, p. 4).

Apesar de Rodolfo não dizer, logo de início, o tipo de foco que Jorge Amado lança sobre essas personagens e esse tempo, apontando, assim o caráter social e engajado de sua obra, este se pode depreender, quando, mais adiante, o cordelista afirma que esta “faz o leitor pensar / deduzir, depois sentir, / para poder concluir / seu concreto analisar” e exemplifica: “Por exemplo: ‘Os Pastores / da Noite’ tem poesia, / tem o cunho social” [...] // “Quem leu ‘Capitães da Areia’ / Vê que o grande romancista / fala de gente sem rumo / como fiel jornalista, / É o problema angustiado / do menor abandonado / no seu viver pessimista” (CAVALCANTE, 1979, p. 5 e 6).

O realismo socialista a que esses exemplos aludem fica melhor explicitado na letra **R**. Comparado a Rui Barbosa que defende “o Direito / a Liberdade”, Jorge Amado “sempre foi / O Escritor da Humanidade / Cada vez se torna novo / Seu realismo ao povo / dentro da sociedade” (CAVALCANTE, 1979, p. 6).

Atribuindo o sucesso do criador de Tietea aos “matizes de inspirações / do seu poder criador” e afirmando que, em sua criação, ele “tirou a pedra da lama / nela fez lapidação”, Rodolfo Coelho Cavalcante lembra, com a mesma intensidade com que foca a matriz socialista da obra amadiana no seu *ABC*, a importância que o escritor alcançou no Brasil e no mundo, tratando de temas baianos: “Hoje o nome Jorge Amado / É fama internacional/ Suplantou os próprios Dumas / e o Vítor Hugo imortal / Passou ele para a História / na glória

⁴ Embora possa não ter a noção das relações entre crônica e história, Rodolfo Coelho Cavalcante sintetiza lindamente na expressão “cronista” o recorte feito por Amado do viver de uma faixa da população baiana do século XX.

da própria glória / de Escritor universal // Inspirado em sua terra Jorge se imortalizou [...] // Kilômetros de horas voos / Já passaram de milhões // Para autografar seus livros / Para todas as multidões / São Paulo, Rio, Teresina, / Do Japão à França, China, / E dezenas de nações” (CAVALCANTE, 1979, p. 3 e 4).

Em seu outro texto sobre o criador de Gabriela, *A Vida do Escritor Jorge Amado*, que tem na capa um retrato do escritor em xilogravura de JRS, Rodolfo Coelho Cavalcante, como diz o próprio título, debruçou-se mais demoradamente sobre os aspectos biográficos que, no *ABC*, ficaram restritos ao local de nascimento, ao nome do pai e à sua profissão. Baseado, como ele próprio afirma na biografia escrita por Lígia Marina Moraes, Rodolfo cita agora a data do nascimento de Jorge e o seu signo — Leão, o que o faz associar a coragem do escritor ao seu talento, numa alusão ao fato de ter denunciado em seus romances problemas sociais e de ser um vencedor. No texto de Rodolfo, Ferradas (Itabuna, Bahia) é um “Torrão santo, abençoado / por ter dado Jorge Amado” e do nascimento do escritor a natureza participa de forma positiva, anunciando algo incomum: “No dia 10 de agosto / daquele ano ditoso / o sol surgiu em Ferradas / divino, maravilhoso, / e à noite o céu estrelado / brilhava pra Jorge Amado / o seu porvir glorioso.” (CAVALCANTE, 1979, p. 2).

As vicissitudes da família, que perde a fazenda na enchente, e as do próprio Jorge — que, durante a ditadura Vargas, é preso no Rio, e, depois em Manaus, e que teve seus livros queimados em praça pública em Salvador — surgem entre os versos da biografia traçada, bem como os primeiros estudos do escritor no colégio Padre Antônio Vieira, os colegas de classe, as amizades ao longo da vida, nomeadamente Dorival Caymmi, sua crise de fé ainda nos tempos do colégio jesuíta, seu trabalho como jornalista no *Diário da Bahia*, a fundação da Academia dos Rebeldes, o ingresso no curso de Direito, o casamento com Zélia e o nascimento dos filhos, a eleição para deputado, a criação do quinzenário “Para Todos”.

Ao contrário do *ABC*, onde se demora em mostrar o vínculo realista socialista da obra amadiana, nesse folheto Rodolfo o resume, dizendo apenas que cada uma de suas obras “é um primor / no seu forte realismo / num puro

socialismo” (CAVALCANTE, s.d., p. 10), mas não deixa de falar, mais uma vez, no lado poético e no sabor cativante dos romances, enfatizando a base real das personagens, a criação das figuras femininas, a cultura de Jorge, sua genialidade, sua baianidade, aqui como sentimento de pertença e de registro do particular/exótico e sua projeção internacional, que faz dele “Caixeiro Viajante” e “Arauto da Cultura”. Como Abraão Batista, no folheto acima referido, que identifica o escritor como uma das atrações da Bahia, Rodolfo afirma que “Quem conhece a Bahia / E não ver o Jorge Amado / É ir ao solo romano / E não ver o Vaticano” e isso porque ele “é o Escritor do Século”, “virou lenda”, “mito”, “gênio”, “fábula”, “já virou até herói” (CAVALCANTE, s.d., p. 11-12).

Apesar desse perfil, porém, o cordelista faz questão de acrescentar traços humanos à figura de Jorge Amado: ele “é a bondade em pessoa, / despido de vaidade / abraça o Governador e o velho da Liberdade [...] / Tanto é amigo do nobre / Como do homem plebeu / Foi sempre homem do Povo” (CAVALCANTE, s.d., p. 12).

3.2. Outro baiano, Valeriano Félix dos Santos, começa de uma forma curiosa o seu *Jorge Amado em Cordel*, cuja capa, fugindo à típica xilogravura, reproduz uma foto do escritor: pede à “Musa dos etéreos”, numa “Antífona”, inspiração para “cantar rimado / o prosador Jorge Amado / e seus nobres sentimentos” (SANTOS, s.d., p. 1). Começando por destacar que o escritor é um “triumfo da cultura brasileira” e sublinhar a sua fama internacional, o cordelista envolve-o desde o nascimento numa aura de predestinação: ele nasceu em Ferradas, “como o sol de um novo dia”, vindo ao mundo “coroadado / da mais alta galhardia”. Esse espírito privilegiado será reiterado ao longo do texto, com expressões que o delineiam como aquele que “enxerga além”, uma espécie de poeta-profeta, uma espécie de Messias de uma revolução social, como fica patente nesses versos: “Jorge Amado se detém / Como em profunda oração / Abre os braços para a vida / Em santa contemplação / Fita em silêncio os espaços [...] // Essa transfiguração / São acordes sociais / Da lira que traz à mão / Vencendo céus boreais” (SANTOS, s.d., p. 10-11).

Aliás, o caráter social da obra amadiana é o mais destacado por Valeriano, que não deixa de relacionar luta social e religião: “Não se deteve, jamais, / Ante as águias do despeito; / Está referto de fé [...] // Seu talento amadurece [...] /Jorra como fonte oculta / Vertendo em favor da luta / Do coração que padece! / [...] / Seu trabalho inteligente / Eficaz ao mundo inteiro / É um poema profético / De Messias verdadeiro; / É o brado de quem sofre / O suplício de um madeiro!” (SANTOS, s.d. , p. 13)

A esse messianismo de Amado, Valeriano associa mesmo imagens tiradas de um dos mais conhecidos salmos bíblicos: “[...] Encontrei água bem fresca / Onde fiquei saciado [...] // Desse seu verbo inflamado / Se bebe serenamente; / Como aquele viandante / Que vem com sede inclemente; / A sua voz peregrina / É fonte ao pé da colina, / Miraculosa vertente!” (SANTOS, s.d. , p. 13).

A revolução estética, anunciada precocemente (“Jorge Amado se revela muito cedo ao professor / Com sua linguagem franca / Realista sem pudor; / desafiando a estética / e a velha dialética / De um astero educador!” [...], SANTOS, s. d. , p. 10) será o alicerce de uma revolução, para a qual Valeriano encontra curiosas soluções descritivas em versos que lembram o Castro Alves de “O Século”: “A sua primeira prece: “O País do Carnaval” / Provocou neste País / Um reboço geral / Deixando de boca aberta / Num rouco grito de alerta / A cultura nacional! // Caiu por terra Baal / De seu trono carcomido; // Alguém apontou tremendo / O Capitólio fendido; / **Himalaia fez careta / Olhando aflita a caneta / Dum nordestino atrevido**”(grifo nosso, SANTOS, s.d. , p. 11 e 12). Apesar do impacto, a revolução tem, no entanto, um caráter pacifista: “O prosador meditava / uma paz com P maiúsculo” (SANTOS, s.d., p. 14).

A sensibilidade é um dos traços com que o cordelista pinta o retrato de Jorge Amado: desde criança, notou as belezas de sua terra — no caso, o luar “bordado em fios de prata” e os “quadris da mulata / começando a rebolar”, bem como os problemas sociais que nela existiam (“homens conquistando a terra / a ferro e fogo, na guerra/ dos sombrios cacauais”) (SANTOS, s.d., p.1). Para descrever esse gênio poético, Valeriano declara, numa hiperbolização

típica do cordel: “Tem sutileza de Homero / E perspicácia de Dante; / No momento que se inspira / Ranca fagulhas da lira” (SANTOS, s.d., p.12).

A produção copiosa de Jorge Amado é sublinhada (“Férias não concede à mente”) e nela o cordelista destaca, para além do enfoque social, a criação de personagens sensuais, como Gabriela e Tieta, a cujo romance dedica várias estrofes, nele assinalando a preocupação com o ambiente e o fato de clamar “Em favor da liberdade / Do clero subjugado / Por antiga austeridade” (SANTOS, s.d., p. 10)

Além da relação com Caymmi, referida também em outros folhetos, Valeriano aborda a recepção da obra amadiana: além de mencionar o fato de ser ela traduzida “em trinta línguas ou mais”, lembra as adaptações para televisão e cinema, bem como a opinião da crítica, no caso a de Vinicius de Moraes.

3.3. Um segundo *ABC para Jorge Amado* foi composto pelo paraibano Paulo Nunes Batista, em 1977, e, depois incluído no livro *ABC de Carlos Drummond e Andrade e outros abecês*, publicado em 1986. “Especialista” nesse tipo de composição e saudado por Drummond — que lhe disse “Você [...] provou [...] que no seu caso não há incompatibilidade entre poesia popular e poesia culta” (Drummond, *apud* Orígenes Lessa: 1986, p. 16) —, Paulo Nunes Batista joga com sobrenome de Jorge e lhe explicita o partícipio: “Amado, de sobrenome, / Do Povo, Amado escritor, / Jorge Amado mata a Fome / De Beleza do Leitor, / E a cada novo Romance / Faz com que seu nome avance / Em glória, prestígio, amor!” (BATISTA, 1986, p. 22)

Enumerando manifestações culturais da Bahia, Nunes Batista cita também grandes nomes da cultura baiana e equipara Jorge Amado a Castro Alves, chamando-o “Castro Alves da prosa” e dizendo serem os dois “lados da mesma seta” , “margens da mesma pista”. Essa baianidade, porém, ao contrário do que ocorre em outros cordelistas, que a vêem como uma especificidade regional, surge como sinônimo de brasilidade, pois ambos perseguem “um só Roteiro e um só Alvo: / o Brasileiro país — chão de Povo Artista!” (BATISTA, 1986, p. 22). Ou, como diz mais adiante: “Se a Bahia é nossa imagem / Jorge faz dela a Mensagem / Da alma Imortal dos Brasis!”

(BATISTA, 1986, p. 24). Ou ainda falando de *Os Velhos Marinheiros* e de *São Jorge de Ilhéus* — “Alma e Povo, terra e céus do Brasil / Lá estão, inteiros.” (BATISTA, 1986: 23); e dos livros de Amado de um modo geral — “Neles o Brasil palpita [...] de crentes e ateus, / Sertanejos, citadinos, / Gabrielas, Balduínos, / Todos... na graça de Deus!” (BATISTA, 1986, p. 26).

Nunes Batista sublinha o perfil político de Jorge, como jornalista, deputado e escritor, “da Pena o maior soldado”, que traça “verdadeiros mapas sociais” do Brasil, “sem papas na língua” e “sem pôr anil”, cuja pena é “fuzil” (BATISTA, 1986, p. 26, 23 e 24). Ressalta ainda o seu talento de escritor e a sua excepcionalidade, ao longo do poema (“põe / da Beleza e Magia / no que escreve”; “É a grande voz brasileira [...] da nossa literatura”), mas, sobretudo, no verdadeiro achado destas redondilhas das letras **U** e **X**: Um Jorge Amado não nasce / no Brasil a toda hora. / Escritor da sua classe / — Machado... Alencar ... demora // — A vencer do tempo o teste... [...] // Xis – desse Escritor da gente / é sua linguagem forte, / natural, irreverente, / sem rebuscados nem corte... / Mas ele veste a crueza / do que diz com tal Beleza / que é lido de Sul a Norte! (BATISTA, 1986, p. 26)

Completando o perfil de Jorge Amado, cujos livros e adaptações da obra não esquece de citar, o trovador fala de suas qualidades humanas: “homem simples e sincero / no que diz e no que faz/ sem pose, sem lero-lero / apesar de ser um ás / das letras”; “nele não existe o demagogo, / pois arde o sagrado fogo / do que só pensam no bem!”; “não faz onda nem faz guerra / aos outros / que ele é de paz” (BATISTA, 1986, p. 23).

3.4. A ideia de difusão da obra é o principal tópico explorado por Téo Macedo, mais um baiano, num folheto intitulado *Jorge Amado, um Patrimônio da Literatura Brasileira e do Mundo*, em homenagem aos cinquenta anos de literatura do romancista baiano, com capa em xilogravura de J. Barros, onde, vestido com uma de suas conhecidas camisas floridas, Amado aparece escrevendo. Téo, como Valeriano Félix dos Santos, num procedimento que o cordel recortou da epopéia, invoca Deus para que lhe dê inspiração para escrever a história do escritor Jorge Amado, “querido no Universo”, “célebre e consagrado”.

Com tintas ainda mais fortes que os outros poetas populares (e com alguns versos de “pé quebrado”), o cordelista pinta o nascimento de Amado como o de Cristo — “uma estrela alumia / O encanto de Ferradas / e Nossa Senhora da Guia” —, acrescentando ainda outros sinais: “O vento soprava forte [...] / Era a força de Deus”; “No ar uma orquestração / os passarinhos cantando / Mostrando os sinais dos céus” (MACEDO, 1982, p. 2). É que o menino viria a ser “o mito da nação / De sua querida Bahia” (*Idem, ibidem*), expressão que será repetida outras vezes no folheto, associada a “genial”, “consagrado”, “patrimônio”, “sábio”, “Rei da Literatura”, “grande sucessão” (no sentido de enorme sucesso), “pena de ouro”, “grande brasileiro / que conquistou o estrangeiro”. Citando algumas obras de Jorge Amado, Téo Macedo não tenta, como os outros cordelistas, falar do caráter social de seu conteúdo, resumi-las ou mencionar suas personagens mais conhecidas; antes, limita-se a sublinhar os aspectos da natureza baiana que surgem nos romances — as “belas praias”, “o sol mais lindo do mundo / quando amanhece o dia”. Aliás, é esse traço de ufanismo, no qual a rima de “Bahia” com “magia” é mais que uma solução, um exercício de baianidade, como o que faz o autor do folheto lembrar os fatos de Amado ser patricio de Castro Alves, e de o romancista haver estudado na casa onde morreu o poeta, já agora como uma baianidade de pertença, de confraria, próximo daquilo que Ilana Seltzer Goldstein referiu como cumplicidade entre os artistas baianos contemporâneos de Jorge, uma vez que o próprio Téo é baiano:

Existe na Bahia um círculo de intelectuais e artistas auto-referentes e produtores de uma certa representação de ‘baianidade’, no qual Jorge Amado toma parte, juntamente com artistas como Mestre Didi, Carybé, Floriano Teixeira, Calasans Neto, Mário Cravo e outros. (GOLDSTEIN, 2002, p. 113)

É, aliás, nessa baianidade que Maria Arlinda, a primeira mulher a tratar de Jorge Amado em cordel, se tenta incluir ao escrever um folheto resumidíssimo, *Jorge Amado, o Escritor do Povo*, para comemorar os seus cinquenta anos de romancista do grapiúna. Estampando na capa uma gravura

semelhante a de Carlos Santos, utilizada por Rodolfo Coelho Cavalcante em seu *ABC de Jorge Amado*, ela — também xilógrafa, presidente da Ala Feminina dos Poetas, Madrinha dos Trovadores e professora leiga — enfatiza o veio social, a popularidade e a imortalidade da obra do escritor que “passou pela ventania / mas o vento não levou” (ARLINDA [1982] , p. 1).

No caso de Téo, o “patrimônio da literatura brasileira e do mundo”, anunciado na capa, fica, assim, por conta das adaptações da obra amadiana para cinema e televisão e dos prêmios que Jorge recebeu, alguns dos quais por ele citados. No de Arlinda, o escritor do povo se deve ao fato de Amado haver feito, “ com pena de paisagista / Uma foto desse povo / Metiço, Brejeiro e Nativista” (ARLINDA [1982] , p.1)

3.5. Uma xilogravura curiosa feita por Erivaldo F. Silva e com as representações de Xangô e de São Jorge, aludindo ao nome cristão do escritor e o fato de ser um obá no candomblé, é a capa de *Venturas e Aventuras de Jorge que é Muito Amado*. Escritas por L.V.P.Q., isto é Lúcia Vitória Peltier de Queiroz, de família baiana (Paulo Peltier de Queiroz foi colega de Jorge no Colégio P. Antônio Vieira), as vinte e quatro sextilhas que compõem o folheto tentam imitar o falar do homem do povo nordestino.

A imagem mais forte que o texto transmite do escritor é a de predestinado. Ratificando o que costumam dizer os cordelistas, isto é, que a Bahia é terra de grandes vultos da cultura, Lúcia afirma que foi um “distino predestinado”, que fez Jorge “nacê e crecê a Bahia / mode louvá o seu povo / cum arte e filusofia” (LVPQ, s.d.: 1) e que ele próprio “trazia de berço / a marca de ‘speciá’” (LVPQ, s.d., p. 2). O nome aparece também de forma motivada: para uma “ilustre criança” era preciso um “ilustre xará” e alguém lembrou-se de batizá-lo com o do “cavaleiro luná” (LVPQ, s.d. , p. 3), o que faz com que fique “cum distino selado / com fluidos e muito bons fados”: se “já era amado”, ia “corrê todo mundo / inceleste e admirado” (LVPQ, s.d. , p. 4).

Corroborando esse perfil a autora declara que ele crescia “cheio de astúcias”, que era “um minino porreta” e retoma o registro biográfico que fala da revelação da precocidade de Jorge descoberta pelo professor do Colégio P. Antônio Vieira, numa solução que joga com o nome deste e o do descobridor

do Brasil, e é um achado poético: “Todo Cabral português / tem gana de descobrimento. / Cum Jorge Amado na classe / Deu-se o acontecimento: / Seu professor jesuíta / Descobriu o seu talento “ (LVPQ, s.d. , p. 7)⁵.

O talento do escritor, aliás, é comparado à “cachoeira” que a censura não pode fazer parar. A variedade de assuntos das histórias amadianas, sua relação com a realidade e a preocupação social que contêm são traduzidas por um símile bastante grapiúna: “Era como um cacauero / Carregadinho! Bunito! / Tinha os pés fincado na terra / Mais fitava o infinito / Sonhando sempre seu povo / Mais alegre. Sem conflito.” (LVPQ, s.d., p. 6). E, para falar da produção copiosa, enumerando os títulos e mostrando que todos eles são “pedaços da Bahia”, Lúcia repesca os versos “livros, livros às mão cheias”, de “O livro e a América” do conterrâneo condoreiro. Já, para reafirmar a baianidade de Amado, outro traço bem vincado no folheto, a cordelista vai recortar versos de Caymmi, além das personagens, dos apelos olfativos, das relações com a cultura afro da obra amadiana. Essa baianidade, porém, porém, não limitou o romancista às fronteiras da terra natal: “cum raça e bahianidade / si tornô universá” (LVPQ, s.d., p. 16)

Culmina este retrato do “home imortá”, cuja obra foi traduzida “em montão de línguas”, do autor premiado em várias partes do mundo, a quem o Presidente da França tornou *Commandeur de La Légion D'Honneur, Ordre National de La légion D'Honneur*, com um comentário cheio de humor, nesta sextilha que serve de exórdio ao folheto e une a divisa da Ordem da Jarreteira ao saber popular: “Oni suá qui má l pense / Parece inté profecia! / Vô apraudi Miterrand / Pur sua sabedoria / De juntá, duma vez em Jorge / OROPA — FRANÇA E BAHIA!” (LVPQ, s.d., p. 24).

3.6. Jorge Amado, o Mais Popular Escritor Brasileiro é como Homero do Rego Barros, chama Jorge Amado. Na capa do folheto, a mesma estampa de Carlos Santos utilizada no folheto de Maria Arlinda e no *ABC* feito por Rodolfo Cavalcante, citados anteriormente, e o nome de Homero, sem o sobrenome, com o esclarecimento “trovador de Olinda e Recife”, para que não

⁵ Repare-se que Téo Macedo refere a genialidade, dizendo assim: “O ilustre Padre português / Luís Gonzaga Cabral / Não sabia que estava ensinando / a um menino genial” (MACEDO, 1982, p. 4)

se confunda com o outro, que ele evoca no exórdio, de forma bastante curiosa, chamando a atenção para a coincidência do seu nome e o do épico grego, enquanto faz um balanço de sua homenagem a Jorge Amado: “Eu não sei se isso deu certo, / Mas vi as musas bem perto / deste Homero popular” (BARROS, 1988, p. 8).

Como esclarece no preâmbulo, onde o autor invoca o Senhor do Bonfim, trata-se de um folheto de cunho biográfico. Depois de lembrar que Amado nasceu a Bahia, “berço imenso / de Castro Alves afamado / entre outros valores grandes” (BARROS, 1988, p. 1). Informando a data e o local de nascimento, Homero não cerca a vinda do escritor ao mundo de nenhuma aura sobrenatural ou o delineando-o como um predestinado, como costumam fazer os cordelistas; antes usa o recurso da interrogação retórica: “Das Letras a liderança / quem ‘manjava’ na criança / fitando os olhos, o rosto?” (BARROS, 1988, p. 1).

Os colégios por onde passou, o trabalho como jornalista, a formatura em Direito, o casamento com Zélia Gattai, a censura — que “fez papel de lobo mau” (BARROS 1988, p. 3), o exílio, o abandono da política, as viagens são citados, mas a ênfase é dada à obra e à sua popularidade: “Para dezenas de línguas / seus livros são traduzidos”, “logo se esgotam”, “vão lidos / não apenas por baianos, / mas por gregos e troianos”, “esse escritor popular / entra no bar e no lar” (BARROS, 1988, p. 4 e 5).

Chamando a atenção do leitor para o fato de que Jorge é um “romancista incomum”, o que dá origem à sua entrada para a Academia, onde “toma chá em vez de rum”, e a vários prêmios “tanto aqui como lá fora”, Homero passa a enumerar-lhe os livros, sempre chamando a atenção para a excepcionalidade do autor, um “escritor verdadeiro”, de trabalhos “inspirados por Deus”, de “talento invulgar”, “o maior escritor de nossos dias” (BARROS, 1988, p. 5, 6 e 7). Nesse pequeno folheto de apenas oito páginas, Homero é o único trovador que, ao lado da vertente social presente na obra amadiana, sublinha o seu lirismo, “de telúrica riqueza” (BARROS, 1988, p. 8).

3.7. O baiano Gustavo Dourado, em 1991, escreveu *Cordel para Jorge Amado*, onde, como outros cordelistas, frisa a popularidade de Jorge, com o

trocadilho que o sobrenome proporciona: “Amado pelo povo”. Criador de palavras, Dourado fornece novos epítetos ao escritor, contemplando diferentes aspectos do seu perfil, com predomínio dos traços da imaginação, da luta social, da baianidade: “bahianauta grapiúna”, “cacaueiro coração”, “navegante das palavras”, “navegador da escrita”, “pensador universal”, “pensador da liberdade”, “sol menino grapiúna”, “antifascista”, “baianavegante audaz”, “criativista libertário”, “bahiano arretado”, multirevolucionário”

Abrindo a enumeração que faz dos livros do autor, o cordelista chama a atenção: “Um escritor tão fecundo / Nem pelas bandas de Marte...” E ressalta as personagens femininas, evoca outros nomes de brasileiros que lutaram pela liberdade (entre eles, como não podia deixar de ser, Castro Alves), escritores estrangeiros marcados pelo realismo, para concluir “Jorge Amado sempre eterno... / [...] Romancista de primeira / No oceano universal”

3.8. Minelvino Francisco Silva, “trovador apóstolo e cantor do Bom Jesus”, consagra um cordel em que confronta o baiano de Itabuna e o “de coração” — *O Encontro de Dois Astros Luminosos: Rodolfo Cavalcante e Jorge Amado*. De um e de outro traça uma pequena biografia, onde sublinha o talento e a popularidade de cada um deles, o amor de ambos à Bahia (“terra de Rui Barbosa” e de “Castro Alves / que deu fim à escravidão”) e ressalta a admiração recíproca entre o poeta e o romancista.

Um diálogo, com breve sabor de peleja, ocupa uma pequena parte do folheto e a sua parte mais interessante. Nele Rodolfo quer saber de Jorge a sua fonte de inspiração. E ao ouvir do romancista “É um poder soberano / que a todos nós irradia”, conclui que “a mesma fonte / tem diferente valor / a que inspira o poeta / inspira o compositor / o cantor e o jornalista / e ainda o prosador.” Apóstolo que se diz, Minelvino imprime à fala de Jorge, como à de Rodolfo, uma informação vinda do catolicismo: a afirmação do trovador “a sabedoria vem / do Divino Espírito Santo”, é reiterada pelo romancista que diz: “Difato [sic] existe um Autor / que tudo fez, tudo cria / e só Ele pode ser / também o Deus da Poesia” (SILVA, s.d, p. 7)

3.9. Logo após a morte de Jorge Amado, CONCRIZ, isto é, José Antonio da Silva, poeta e embolador de coco de Mossoró (RN), mas nascido

em Timabaúba dos Mocós (PE), publicou *Jorge Amado foi embora foi Deus quem Mandou Buscar*, tendo na capa uma montagem com o retrato do criador de Gabriela e de um desenho com cenário de Salvador.

A partir do refrão “Tem razão para chorar / Zélia por quem tanto chora / Jorge Amado foi embora foi Deus quem mandou buscar”, Concriz aborda a imortalidade do espírito e da obra do escritor baiano: “Foi Jesus que lhe chamou / pras regiões divinais / deixou a terra dos vivos / pra viver com o imortais [...] tudo quanto ele escreveu / ninguém esquece jamais” (CONCRIZ, 2001, p. 1). E em apenas quinze septilhas (em quatro páginas), sintetiza a sua biografia e fama, conferindo-lhe epítetos (alguns dos quais assinalam sua popularidade e brilho — “chave do coração do Brasil” e “astro na cultura”) e sublinhando o caráter social de seus textos (“foi contra o capitalismo / defendeu o comunismo / pra salvar os oprimidos”, “sua caneta de ouro / tinha o fogo de um fuzil”, “ele escreveu liberdade”).

Concriz retoma, nas três últimas estrofes, os motivos que o levaram a escrever e registra: “Pedi para ser cremado / porque virar pus não quis / suas cinzas no jardim / vão ouvir os colibris; / receber de Zélia amor / E adubar “dona flor” / pra perfumar o país”, para concluir no exórdio “Vou fazer uma parada / ofertando versos meus / para todos os ouvintes / que já leram livros seus / Cantando a gente proclama / morre o home / fica a fama / Adeus, Jorge Amado, adeus!” (CONCRIZ, 2001, p. 4).

Em *O Brasil Chorou com a Morte de Jorge Amado*, o cordelista Nelci Lima da Cruz, baiano de Santa Luz, retoma o tema de uma forma um pouco mais longa que CONCRIZ: lá estão, a lista dos livros, o perfil de Jorge Amado traduzido por epítetos como “respeitador da verdade”, “defensor da cultura”, de “destino traçado”, “defensor da democracia”, “na Literatura um campeão”, “Pelé da Literatura”, as informações biográficas acrescidas dos nomes de personalidades que se manifestaram quando da morte do romancista ou que compareceram às cerimônias que cercaram sua morte. No exórdio, típico do cordel, Nelci aproveita para fazer uma auto-referência, alinhando-se na “confraria baiana”: “Prestei esta homenagem / ao Jorge Amado escritor / Como

poeta do povo / tenho mostrado o meu valor / Somos filhos da Bahia / nascemos no interior.” (CRUZ, [2011], p. 8).

3.10. Francisco Zenio, trovador cearense, num cordel intitulado *Jorge Amado*, cuja capa é um retrato do romancista em xilogravura do próprio autor do cordel, preocupa-se basicamente com a obra amadiana. Nas suas sextilhas muitas vezes com versos de “pé quebrado”, fato que se vai, infelizmente, tornando comum no afã de se fabricarem cordelistas, Zenio fala das ligações de Amado com o candomblé: “Para dona dos sete mares / IEMANJÁ fez saudação! / A protetora dos pescadores / Que nas águas tem navegação / Aos Deuses dos Orixás / ele sempre pedia perdão // Cortejava o PRETO VELHO / Filhos de Gandi só é mais um / Gosto pela cidade baixa / Da alta como ser nenhum / Com as espadas dos anjos foi / Integrar irmandade de Oxum” (ZENIO, 2003, p. 1).

A maior parte das informações apresentadas gira em torno da produção literária do escritor: livro a livro, mas sem obedecer a uma ordem, seja ela cronológica ou temática, o cordelista vai dando suas impressões, numa tentativa de resumo. Às vezes aglutina informações, produzindo frases “surreais”, como neste caso em que junta um espaço da cidade de Salvador, um livro em prosa de Jorge Amado e um seu texto teatral sobre o poeta de “Os Escravos”: “A praça Castro Alves revela / Ser do povo honradamente / Mais tem o ABC / Uma peça literalmente / Que pode fazer dramaturgia / Nesse gesto culturalmente” (ZENIO, 2003, p. 1)

Nos romances onde há uma protagonista, Zenio procura destacar-lhe a sensualidade pela descrição física, embora às vezes, esvazie o sabor dos sugestões amadianas, seja por estropiar o Português, seja por explicitá-las ou mudar-lhes os traços, seja ainda por escolher estranhos elementos de comparação: “GABRIELA, CRAVO E CANELA [...] o feitiço de uma morena / tinhosa, tendo cheiro de flor / da pele bronzeada / os cabelos de mel tinha cor”; “Na sensualidade enorme / DONA FLOR mostrava ter: / os seios empinados dava / ao erotismo do prazer [*sic*] / lábios carnudos e quentes / e as nádegas de enlouquecer”; “Feita ‘pouporri’ [*sic*] do pecado / corpo todo escultural /

perfumada por natureza / com coxa bem lisa, quase cristal / Ao encanto de TIETA / não havia beleza igual”. (ZENIO, 2003, p. 2).

Ao tratar de Teresa Batista, porém, o aspecto focado é o de sua atividade como prostituta. Um registro popular que beira o vulgar toma conta dos versos: “Abelha que não fura, ferra! / É a mulher cheia de calor / Agazala, pimba! Não ‘erra””. (ZENIO, 2003, p. 2).

O caráter político e social da obra amadiana fica de fora, quando cada um dos romances é tratado: “CAPITÃES DA AREIA leva / ser um romance conservador / de armadilha e suspense!”; “O PAÍS DO CARNAVAL doutrina: / no verso, a canção popular / adereços de sereias / Alas de um povo a dançar / as misturas de raças nos; / Micaretas e trios a tocar”; “Abençoado na natureza / A fruta do CACAU bem que é / Disputada por todos / Basta da raiz ter um pé / Fazendeiros, temem a praga / e pastora o diabo até”; “O SUOR são as lágrimas / do esforço em movimento / simboliza o cansaço / O gordo de peso, vem ser lento / A mente mergulha calma! / Baiano na lida é cruento” (ZENIO, 2003, p. 9).

No final do folheto, porém, ao resumir as características da obra do escritor que homenageia, Francisco Zenio toca na vertente social, embora o que enfatize de fato seja a baianidade do escritor — a exclusividade da paisagem baiana, a presença dos cultos afro-brasileiros e da culinária: “O perfil de um estado / Jorge Amado sempre mostrou: / os detalhes da orla / no candomblé se espelhou! / Economia, drama social / E do negro que aqui chegou // No tabuleiro a baiana tem: / vatapá, mollho,/ acarajé/ Pamonha, quiabo, arroz-doce! / E óleo de dendê até / tapioca, canjica, cocada / siri, bolo de peixe, filé [...]” (ZENIO, 2003, p. 10)

Essa baianidade, mas agora incluindo o sentido que lhe empresta Ilana Goldstein, vem refletida até numa suposta fala de Jorge, em que, retomando dos versos de Castro Alves a fala de Lucas⁶, o escritor pede a Zélia Gattai que o enterre à sombra da mangueira do quintal.

⁶ Cf. “Tirana”, em *A Cachoeira de Paulo Afonso*.

3.11. Com as comemorações do centenário vários novos cordéis surgiram, como, aliás, acontece sempre em tempos de celebração. Entre eles, novamente, composições de interesse e alguma sucata.

Valdeck Almeida de Jesus, baiano que mantém o *site* galinhapulando, por exemplo, escreveu *Jorge Amado (1912-2012) 100 Anos de Nascimento*. 18.08.2012. Nele, além de fornecer em verso dados biográficos como local e data de nascimento do criador de Pedro Bala, o fato de haver sido deputado e jornalista, realça o brilho de Jorge, diante do qual “o sol ficou pequenino”, pois “já nasceu grande”, “para os holofotes”, “um baiano ‘arretado’”. Também a imortalidade de sua (“nem mesmo a sua morte / apagou o seu destino”; “A literatura amadiana / e o homem serão lembrados / pelas gerações futuras”) e popularidade entre “baianos e estrangeiros” (JESUS, 2011, p. 9) são referidos pelo cordelista.

Traços como a baianidade de Jorge — “Tradutor da Bahia”, “materialista / mas obá de Xangô” — surgem ainda nas sextilhas de Valdeck, que enumera as traduções da obra amadiana para as mais diferentes línguas, incluindo o seu sucesso na língua pátria, “em bom baianês” (JESUS, 2011, p. 7). E o escritor, como santo ou musa, é saudado e invocado, não na abertura do folheto, mas quase no fecho: “Salve Jorge / Jorge Salve / São Jorge ou Jorge São / Vive no peito da gente /... / Jorge Amado nos proteja da falta de inspiração” (JESUS, 2011, p. 8).

Antônio Barreto, também baiano, agora de Santa Bárbara, igualmente comemorando o centenário, começa o seu *Um cordel para Jorge Amado* (2011), retomando os versos de Caymmi⁷ e os adapta à redondilha maior. Dizendo que o escritor “ainda vive em cada canto de lá”, começa por assinalar a baianidade do autor de *Capitães da Areia*, de forma indireta, isto é, não são as “igrejas,” os “costumes”, as “águas de lemanjá” que impregnam a sua obra, mas ele é que, agora, está presente nesses elementos da cultura baiana. Essa baianidade do exotismo — que será retomada no final do texto, quando o trovador refere que, “em sua prosa única”, Jorge exaltou a Bahia “de forma

⁷ O “Você já foi à Bahia, nega? Não? Então, vá” do compositor, passa a “Você já foi à Bahia? Se não foi peço que vá”, nos versos do cordel.

peculiar” e refere a “magia” da região (Cf. BARRETO, 2011, p. 18) — irá alargar-se aos próprios baianos, “um povo belo, profano / afro e luso em ação!” (BARRETO, 2011, p. 1).

Retomando os dados biográficos de seu homenageado, Barreto, envolve seu nascimento numa aura de predestinação (ele “veio à Terra / coroado de magia / [...] como num conto de fadas” (BARRETO 2011, p. 4); cita os nomes de seus pais, fala em seu casamento com Matilde Garcia Rosa e de sua fillha Lila, falecida na adolescência (único cordelista a fazê-lo); liga a paisagem física e humana em que foi criado à da obra que construiu, fala de seus estudos e publicações; lembra que, “militante de esquerda / desistiu de advogar”, para abraçar a literatura, “causa necessária / para ele então brilhar”. Livro a livro, a produção amadiana vai sendo então cronologicamente enumerada até que Barreto resolve abreviar a lista, citando apenas “aqueles mais adorados / traduzidos e amados / certamente os mais bonitos!” (BARRETO, 2011, p. 10). Talvez acabe por enumerar quase todos, não esquecendo mesmo da obra poética, da dedicada às crianças e do teatro.

Antônio Barreto é o primeiro trovador a apresentar fases para a obra amadiana⁸, a extração social de suas personagens⁹, o meio em que se movem¹⁰, e a tocar na relação do texto com o erudito e com o popular (Cf. BARRETO, 2011, p. 18).

Entre os traços biográficos do homenageado, o trovador inclui ainda, como outros autores já mencionados — a militância na esquerda, a eleição para deputado, as perseguições sofridas no governo Vargas, o exílio, a entrada para a Academia Brasileira de Letras — e o fato de Jorge ser ao mesmo tempo materialista e Obá de Xangô. Troféus, prêmios, doutoramentos *honoris causa*, adaptações da obra para cinema, teatro, televisão, cordel, canção, mostram o reconhecimento e a recepção da obra do escritor em todo o mundo, sem esquecer as traduções.

⁸ “Na sua primeira fase / um Jorge politizado / Buscando dar voz ao povo / excluído e injustiçado” (BARRETO 2011, p. 17)

⁹ “Prostitutas / marginais / proprietários rurais/ todo o proletariado [...] coroneis, comerciantes, / marinheiros, traficante / burgueses e muito mais” (BARRETO, 2011, p. 17)

¹⁰ “Tanto o povo das metrópoles / como das zonas rurais” (BARRETO, 2011, p. 17)

A vida terrena de Amado termina por um exórdio dos mais bem achados: quem o chama não é Deus ou São Pedro, mas o santo de seu onomástico, e a imortalidade da obra parece levar à da Glória eterna (“Mas São Jorge lá na lua / fez o seu grande chamado / E no dia seis de agosto (2001) / disse: Pode vir, Amado, / o Mistério te conduz / pois na Estação da Luz / Teu lugar foi reservado”, BARRETO, 2011, p. 18).

4. Exórdio

Como era de esperar, a maior parte dos folhetos surgiu em datas importantes para Jorge Amado: cinquentenário de literatura, condecoração recebida, morte, centenário de nascimento. Algumas de suas capas procuram fixar Jorge Amado com as camisas floridas que costumava usar e Salvador por pano de fundo. Outras, limitam-se ao retrato do escritor. E há uma, em xilogravura de EFS que lembra a pertença de Jorge ao candomblé e ao catolicismo por via do nome de batismo.

Ao contrário do que fez com Castro Alves, cujos perfis delineados pelos folhetos (o poeta dos escravos, o grande amoroso, o dândi) saíram todos da biografia que lhe foi traçada por diferentes escritores (Cf. SILVA, 2012), no caso de Jorge Amado, o cordel utilizou dados biográficos, sim, mas a imagem do romancista emanou basicamente de sua obra. Daí o seu perfil de gênio, de predestinado, do que usa a pena como fuzil. Da popularidade dos romances vieram os trocadilhos com Amado e a aura de imortalidade. Das traduções, adaptações, prêmios por todo o mundo, o escritor universal. Da feição social de parte da obra, nasceu o corajoso, o Leão (uma alusão inspirada pelo signo), e a identidade com Castro Alves, que também é eco no reforço da baianidade, que emana da paisagem, das personagens, da linguagem, dos apelos sensoriais contidos nos romances. Versos do poeta condoreiro são por vezes aproveitados para falar do prosador.

A baianidade, porém, serve, igualmente, no caso de alguns cordelistas baianos, como forma de “pegar carona” na fama do homeageado: se ele, um gênio, é baiano, e a Bahia é terra de gênios, eu, que sou baiano...

Apesar de quase todos os trovadores enumerarem os livros produzidos por Amado e de falarem em sua luta social, pouquíssimos são aqueles que identificam as obras em que ela é patente, e só Antônio Barreto aponta esta tendência como característica da primeira fase da obra amadiana. Do mesmo modo, só Homero do Rego Barros fala do lirismo contido nos textos do romancista.

Embora muitos digam que Jorge é um baiano porreta, poucos são os trovadores que incorporam traços humanos ao perfil do escritor. Apenas o fazem Rodolfo Coelho Cavalcante e Paulo Nunes Batista, assim como somente Gustavo Dourado e Téo Macedo apontam o valor que Jorge Amado atribuía ao cordel.

Bibliografia

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Martins, 1966

AMADO, Jorge. **ABC de Castro Alves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**, São Paulo: Martins, 1969.

ANDRADE, Carlos Drummond, *apud* Orígenes Lessa, “Ligeiro Perfil de um Poeta do Poeta do Povo” *in* Paulo Nunes Batista. **ABC de Drummond de Andrade e outros abecês**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 11-16 (Série Brasília, v.3).

ARLINDA, Maria. **Jorge Amado**: o escritor do povo. Salvador: s.n., s.d..

BARRETO, Antônio. **Um cordel para Jorge Amado**. Salvador: Fundação Pedro Calmon/ Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2011.

BARROS, HOMERO da Costa. **Jorge Amado**: o mais popular escritor brasileiro. Recife: s.n., 1988. Capa de Carlos Bastos.

BATISTA, Abraão. *Um Cearense na Bahia*, Juazeiro do Norte, s.e., 1984.

BATISTA, Paulo Nunes. *ABC para Jorge Amado*. **ABC de Drummond de Andrade e outros abecês**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 22-26.(Série Brasília, v.3).

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A Vida do Poeta Castro Alves**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1976.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **ABC de Jorge Amado**. Salvador: s.n., 1979
Capa de Carlos Bastos.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A Bahia na Voz do Trovador**. Salvador: s.n.,
s.d..

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A Macumba da Bahia**. Salvador: Tip. Ansival,
1976.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A Vida do escritor Jorge Amado**. Salvador:
Núcleo de Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel, s.d.

CONCRIZ (José Antonio da Silva). **Jorge Amado foi embora foi Deus quem
mandou buscar** [Mossoró, RN] [2001].

COSTA, Hildemar de Araújo. **Bahia de Todos os Santos**. Salvador: Fundação
Cultural do Estado da Bahia, Núcleo de Cultura e Pesquisa de Literatura de
Cordel, s.d.

COSTA, Hildemar de Araújo, **A Bahia a Rodolfo Coelho Cavalcante**, s.l.,
s.n.,1980

CRUZ, Nelci Lima da. **O Brasil chorou com a morte de Jorge Amado**. [Santa
Luz]: s.n., 2001.

CURRAN, Mark J. Curran. **Jorge Amado e a literatura de cordel**. Rio de
Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Salvador: Fundação Cultural do
Estado da Bahia, 1981.

DOURADO, Gustavo. **Cordel para Jorge Amado**, 1991,
<http://www.gustavodourado.com.br/cordel/Cordel/para/Jorge/Amado.htm>
(consultado em 10/3/2012)

JESUS, Valdeck Almeida de. **Jorge Amado (1912 – 2012) 100 anos do
nascimento**:10.08.2011. S.l.: s.n., 2011.

L.V.P.Q. [Lucia Victoria Peltier de Queiroz]. **Venturas e aventuras de Jorge
que e muito Amado**. Xilogravura de Erivaldo F. Silva. [Rio de Janeiro]: s.n.,
s.d..

MACEDO, Téo. **Jorge Amado**: um patrimônio da literatura brasileira e do
mundo. Capa de J.Barros. São Paulo: s.n., 1982. Homenagem aos 50 anos de
literatura de Jorge Amado.

SANTA HELENA, Raimundo, **Lima Barreto**, Salvador: s.n., 1981.

SILVA, Minelvino Francisco. **O Encontro de dois astros luminosos: Rodolfo e J. Amado.** Itabuna: s.n., s.d.

SILVA, Sara Daniela Moreira da. **Castro Alves e a Cultura Brasileira.** Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra: 2012 (dissertação de Mestrado).